Subjetividade e Trajetórias: Uma leitura psicanalítica na Escola Meninos e Meninas do Parque de Brasília.

Me. Katilen Machado Vicente Squarisi – UnB

katilensquarisi@gmail.com

Dra. Inês Maria Marques Zanforlin Pires de Almeida – UnB

almeida@unb.br

A pesquisa tem o propósito de compreender a dimensão do universo escolar na constituição da subjetividade de estudantes, em situação de rua, à luz da teoria psicanalítica. Procurando responder à questão: como se origina e se constitui a subjetividade dos pesquisados no enfrentamento da vulnerabilidade pessoal e social? Valer-se-á da metodologia qualitativa utilizando-se do dispositivo da memória educativa/histórias de vida, observação, entrevistas semiestruturadas, rodas de conversa e sociopsicodrama**.** O local será a Escola Meninos e Meninas do Parque em Brasília. Para abordar a questão social de histórias de vida a psicanálise se torna norteadora por teorizar sobre a constituição do sujeito na relação com o Outro. A escola representa uma relação simbólica na procura do afeto criando transferência marcada por processos conscientes e inconscientes. Nesse contexto, é essencial a formação dos professores e direção, sabendo que os imprevistos geram mal-estar, decepção e sentimento de impotência frente ao quadro enfrentado. Os professores são chamados a conviver com sujeitos em processos de transformações físicas, psíquicas e sociais de vulnerabilidade. Torna-se fundante a escuta do professor em seu ofício de educar fazendo parte de todo um contexto singular na constituição dos sujeitos pesquisados.

Palavras-chave: Psicanálise, Subjetividade, Meninos e Meninas de rua, Vulnerabilidade social.

**Introdução**

Como orientadora educacional e lidando com diversos segmentos, tive a oportunidade de conhecer a escola Meninos e Meninas do Parque- EMMP, que acolhe estudantes moradores de rua. Em consonância com a realização da pesquisa de dissertação do mestrado onde pude vislumbrar o infantil na constituição da subjetividade me identifiquei com essa demanda onde se pode reescrever a história refletindo sobre a vida, onde a exclusão se torna inclusão revestido por laços sociais como forma de humanização.

Educar em direitos humanos. Essa frase me instigou a pensar nos menos favorecidos e aqueles que tem sua vida ameaçada por tantas situações conflituosas e limitações. Pensei nos sujeitos em sua vocação ontológica como seres em busca de algo. Para isso o educar se faz na tolerância, na afirmação da dignidade humana e em princípios democráticos. Pensar em uma dimensão político ideológica e pedagógica possui uma intencionalidade que remete ao humano.

Enriquez (1999) faz uma conexão profunda entre os estudos sociais e os psíquicos. Afirma que o indivíduo não existe fora do campo social. E salvo os processos narcísicos revelados pela psicanálise e que são irredutíveis aos mecanismos sociais, as ciências sociais e a psicanálise tem o mesmo objeto de estudo: a criação e a evolução do vínculo social.

O presente trabalho parte da premissa que, para se alcançar resultados desejáveis na ação docente com estudantes moradores de rua, faz-se necessário entender todo o universo em que estão inseridos, partindo de uma subjetividade que permeia o desenvolvimento humano com suas histórias de vida, com base em conceitos e apropriação da psicanálise.

O desafio posto pela contemporaneidade à educação é o de garantir, contextualizadamente, o direito humano universal e social inalienável à educação. O direito universal não é passível de ser analisado isoladamente, mas deve sê-lo em estreita relação com outros direitos, especialmente, dos direitos civis e políticos e dos direitos de caráter subjetivo, a partir dos quais incide de forma decisiva. Compreender e realizar a educação, entendida como um direito individual humano e coletivo, implica considerar o seu poder de habilitar para o exercício de outros direitos, isto é, para potencializar o ser humano como cidadão pleno, de tal modo que este se torne apto para viver e conviver em determinado ambiente, em sua dimensão global.

A educação é, pois, processo e prática que se concretizam nas relações sociais que transcendem o espaço e o tempo escolares, tendo em vista os diferentes sujeitos que a demandam. Educação consiste, portanto, no processo de socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam saberes, conhecimentos e valores.

“A genialidade de Freud está em ele haver compreendido que, para aprender as causas secretas que movem um ser, que movem esse outro que sofre e a quem escutamos, é preciso, primeiro e acima de tudo, descobrir essas causas em si mesmo, voltar a si – sempre mantendo contato com outro que está diante de nós – o caminho que vai de nossos próprios atos a suas causas” (NASIO,1995).

Partindo da premissa freudiana onde precisamos dar conta de quem nos tornamos e o que faremos com “isso” me remete a uma articulação pertinente a um trabalho onde a pesquisa se dá pelo humano, a educação e a psicanálise.

Pensar no sujeito que vive as margens das oportunidades e da humanização se faz como um desafio em compreender como se origina a constituição da subjetividade com estudantes moradores de rua que enfrentam vulnerabilidade pessoal e social.

Marx nos escritos “manuscritos econômico-filosóficos” de 1844/2008, afirma que o trabalhador se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz somente mercadorias; ele produz a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e isto na medida em que produz, de fato, mercadorias em geral.

Esse apontamento me remete a situação vivida pelos alunos moradores de rua onde a lógica de empobrecimento da vida, aqui em ação, tem suas raízes no contrato que associa aquilo que diz respeito à força vital e social de trabalho e o capital. O assalariado só desenvolve, de fato, a primeira “no momento em que seu trabalho pertence ao capital”, a tal ponto que “ela parece ser uma força da qual o capital é dotado por natureza, uma força produtiva que lhe é imanente” (MARX,1969, p.247).

A Escola dos Meninos e Meninas do Parque compactua com a Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010, no Art.23, que afirma: “(...) o cuidar e o educar, indissociáveis funções da escola, resultarão em ações integradas que buscam articular pedagogicamente, no interior da própria instituição, e também externamente, com serviço de apoio aos sistemas e com as políticas de outras áreas para assegurar a aprendizagem, o bem-estar e desenvolvimento do estudante em todas as suas dimensões”.

Hannah Arendt diz que a essência dos Direitos Humanos é o direito a ter direitos. Em seu livro A Condição Humana (2007) ela comenta que a nossa crença na realidade da vida e na realidade do mundo não são, com efeito, a mesma coisa. A segunda provém basicamente da permanência e da durabilidade do mundo, bem superiores às da vida mortal. Se o homem soubesse que o mundo acabaria quando ele morresse, ou logo depois, esse mundo perderia toda a sua realidade, como a perdeu para os antigos cristãos, na medida em que estes estavam convencidos de que as suas expectativas escatológicas seriam imediatamente realizadas. A confiança na realidade da vida, pelo contrário, depende quase exclusivamente da intensidade com que a vida é experimentada, do impacte com que ela se faz sentir. Esta intensidade é tão grande e a sua força é tão elementar que, onde quer que prevaleça, na alegria ou na dor, oblitera qualquer outra realidade mundana. Já se observou muitas vezes que aquilo que a vida dos ricos perde em vitalidade, em intimidade com as boas coisas da natureza, ganha em refinamento, em sensibilidade às coisas belas do mundo. O fato é que a capacidade humana de vida no mundo implica sempre uma capacidade de transcender e alienar-se dos processos da própria vida, enquanto a vitalidade e o vigor só podem ser conservados na medida em que os homens se disponham a arcar com o ônus, as fadigas e as penas da vida.

“A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho” (Art. 205 – Constituição da República Federativa do Brasil de 1988).

Função Social da Instituição: Partindo da premissa expressa no PPP Carlos Mota (p.53): “(...) estudos no mundo inteiro vêm demonstrando que, quando devidamente acompanhados, sujeitos em contexto de vulnerabilidade respondem positivamente aos processos de (re) socialização (...)”, a Escola dos Meninos e Meninas do Parque faz esse trabalho de reintegração à vida escolar possibilitando uma excelente fonte de pesquisa.

Nos seus escritos, Almeida e Bareicha (2015) apontam que as produções são sempre singulares porque trazem a marca da incompletude, da impossibilidade de delimitar o que é da ordem do consciente e/ ou do inconsciente. Talvez seja por isso que, em nossos esforços para compreender a constituição da subjetividade do professor e o lugar do infantil nesse processo, devemos reconhecer que sempre vamos nos deparar com buracos, lapsos ou esquecimentos que teimam em aparecer, pois a escrita transporta detritos que atravessam a narrativa.

Guimarães (2007) diz que o enlace entre a psicanálise e a educação se faz no dia a dia, possibilitando uma forma diferenciada de posicionamento do educador diante das questões que se apresentam no processo de ensinar e aprender. Lajonquière (2010) pontua que a psicanálise “aplicada” à educação consiste em analisar e dissolver as ilusões tecnocientificistas que imperam no campo educativo com vistas à educação para a realidade impossível do desejo.

O próprio Freud sustentou que toda memória é impregnada pela subjetividade do sujeito como as lembranças, mesmo as que emergem surpreendentemente do decorrer de uma análise. Tanis (1995) reforça que tempo e memória são elementos constitutivos da experiência subjetiva com os quais nos defrontamos em nossa existência. A memória, em toda sua complexidade, guarda consigo a capacidade de resgatar o tempo da história. Não como um tempo passado, mas como um tempo inscrito nas entranhas do atual.

Sendo assim, a memória com as histórias de vida de estudantes, professores e equipe diretiva da escola Meninos e Meninas do Parque nortearão o projeto em busca da essência do humano sendo uma temática importante nos dias atuais, onde enfrentamos tantas desigualdades fazendo de um olhar a ressignificação da diferença na criação de laços sociais.

Por fim, me aproprio das palavras de Einstein à sua filha Lieserl na carta intitulada O amor. Após o fracasso da humanidade no uso e controle das outras forças do universo, que se voltaram contra nós, é urgente que nos alimentemos de outro tipo de energia. Se queremos que nossa espécie sobreviva, se quisermos encontrar sentido na vida, se queremos salvar o mundo de todos os seres sensíveis que nele habitam, o amor é a única e a resposta última.

**Justificativa**

Atuando há vinte 25 anos na área da educação como professora de séries iniciais, coordenadora pedagógica, orientadora educacional e docente do curso de pedagogia e da Pós Graduação em Psicopedagogia, percebo cada vez mais a importância do humano na constituição da subjetividade. Dolto (2015) ensina que o “Eu” se suporta pela imagem do corpo, mas esta, por sua vez, só se elabora através de uma série de castrações a respeito das quais não se deve hesitar em dizer que são simbolígenas. É a chave da “humanização”.

Diante disso, muito me interessa continuar meus estudos acadêmicos. Após a conclusão do mestrado pesquisando a questão do infantil em meio a subjetividade percebi o quanto a dignidade humana requer um olhar nos dias atuais em especial com as contribuições da Psicanálise.

Devido meu percurso profissional e acadêmico, a paixão pelo educar, o humano que nos constitui e a psicanálise, vislumbro uma rica oportunidade de contribuir com as relações significativas constitutivas do ser e a formação do humano.

A constituição do saber perpassa pela subjetividade, assim, a práxis educativa como processo pedagógico tem a possibilidade de se concretizar nas relações cotidianas de ensino e aprendizagem na busca de um significante humanizante.

Na minha formação percebo o quanto o estudante muitas vezes, não é respeitado em sua singularidade, história de vida, memória afetiva, dificuldades, enfim em seus valores e atitudes únicas. Mais do que nunca compreendo a importância de aprofundar meus estudos e conhecimentos a fim de contribuir para prática pedagógica e social sendo a escola um ambiente ideal e indispensável para promoção do crescimento, desenvolvimento e aprendizagem.

**Objetivos**

**Objetivo geral:**

Compreender a dimensão do universo escolar na constituição da subjetividade de estudantes em situação de rua à luz da teoria psicanalítica.

**Objetivos específicos:**

* Analisar como se dá a inserção escolar por meio de estabelecimento de vínculos e laços sociais repercutindo no processo educativo e na constituição subjetiva.
* Identificar possíveis implicações da atuação de professores e equipe diretiva na relação de humanização de estudantes moradores de rua.
* Reconhecer que o conhecimento acerca da subjetividade na abordagem psicanalítica pode auxiliar no processo educativo e humano principalmente em processos de vulnerabilidade pessoal e social.

**Referencial Teórico**

Embasado na pesquisa em si e com as demandas em busca de um entendimento na constituição subjetiva do desenvolvimento humano vários autores embasam teoricamente esse trabalho enriquecido pelo aporte psicanalítico.

Conceitos psicanalíticos se tornam fundantes para referendar a pesquisa em sua amplitude. Násio no livro intitulado Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa, traz que o complexo de Édipo é a chave-mestra da psicanálise. É o conceito soberano que gera e organiza todos os outros conceitos psicanalíticos e justifica a prática da psicanálise. O fim do complexo de Édipo é correlativo da instauração da lei como recalcada no inconsciente, mas permanente. A lei é baseada no real, sob forma desse núcleo deixado atrás de si pelo complexo de Édipo, núcleo que sabemos se encarnar em cada sujeito sob as formas mais diversas, mais extravagantes, mais caricatas- que se chama o supereu. O supereu, herdeiro do complexo de Édipo, é uma figura da lei introjetada no inconsciente infantil e que dita, como um mestre interior, as escolhas decisivas e cotidianas da existência. A partir do Outro o sujeito vai se constituindo em meio a muitas operações estruturantes. Sendo assim, outros conceitos poderão ser abordados afim de contextualizar a pesquisa em si.

Nas elaborações de Freud em Lembranças encobridoras (1899/1980), A Etiologia da histeria, Mal-estar na civilização, Interpretação dos sonhos, Além do princípio de prazer, Notas sobre o bloco mágico, por que a guerra? Dentre outros, encontramos um arcabouço teórico singular que por sua vez se fará fundante na pesquisa.

No Vocabulário Básico da Psicanálise, Jacques André remonta o conceito do inconsciente “Isso” a expressão “Isso foi mais forte que eu, isso me escapou, isso me veio de repente...” O ato falho, o sonho, o sintoma não são os únicos a assinalar a presença dessa outra “pessoa” que é o inconsciente, mas também todos os momentos da vida em que a consciência e a razão sentem-se engolfadas do interior por algo mais forte que elas. Não há uma só escolha, quer ela diga respeito ao amor, à profissão que gostaríamos de exercer, à obra de arte que nos comove, que não tenha suas raízes nas experiências marcantes da infância. “O inconsciente é o infantil” (Freud); não toda infância, mas os traços escondidos e insistentes desta que nada, nunca, poderá apagar. O inconsciente ignora tanto o tempo quanto a contradição. O inconsciente é como uma “coisa” em si; dessa vez, é à intuição do filósofo (Kant) que a psicanálise dá corpo.

Outros conceitos também se fazem norteadores em busca de um entendimento sustentado pela psicanálise e estudos da área. Acima de tudo, transferência, contratransferência, sublimação, castração, laços sociais, histórias de vida, memória educativa, dignidade humana, pulsão de morte. Enfim, estudos que ressaltam a importância do trabalho em questão.

A psicanálise nos confronta com o problema do poder. Ela nos mostra que o vínculo social é antes de tudo um vínculo de poder; que a questão essencial não é a questão econômica, mesmo considerando que a esfera da economia desempenha seu papel de maneira que o poder possa ser exercido, nem a questão da relação interindividual. A questão crucial é a da violência e da harmonia, da criação de instituições, de tentativas de persuasão ou de imposição que apoiem o tipo de social criado, da produção de certos tipos de personalidade indispensáveis ao funcionamento social e da construção de mitos cuja textura garanta à sociedade uma coerência mínima (ENRIQUEZ, 1999).

Desvelar a visão de humano que não apenas se naturaliza, mas se humaniza no e com o mundo, se faz de história. O Plano Nacional de Educação- PNE também traz metas humanizadoras e por vezes por depender de políticas públicas nem sempre se concretizam. Pensar nos menos favorecidos é uma forma de se constituir como humano.

Lajonquière (2010) traz a subjetividade não como substância em desenvolvimento nem enteléquia em vias de encarnação. Ela é um conjunto extensível de operações de uma linguagem singular que comporta os registros real, simbólico e imaginário, precipitado na indeterminação carnal do sapiens. O nó vazio dessas operações é o sujeito do desejo, reduzido assim ao sutil estofo de operador funcional.

Nos escritos Freud assinala que é na forma de uma escrita enigmática que o inconsciente se apresenta para interpretação. Guimarães (2007) reporta que a escrita para a psicanálise constitui um nó central de pesquisa, pois se refere à inscrição e constituição do sujeito psíquico.

Freud, na carta 52, endereçada a Fliess, relata sua percepção da memória:

Como você sabe, estou trabalhando com a hipótese de que nosso mecanismo psíquico tenha-se formado por um processo de estratificação: o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um rearranjo segundo novas circunstâncias- a uma retranscrição (FREUD, 1974).

A palavra memória vem do latim, memória, que quer dizer faculdade de reter ideias, impressões e conhecimentos adquiridos. Lembrança, reminiscência, recordação. Dispositivo em que informações podem ser registradas, conservadas e, posteriormente, recuperadas (FERREIRA, 2010).

Posteriormente (1996), a publicação de Gaston Pineau e Jean Louis le Grand “Les Histoires de Vie” da série Que sais- je? compreendendo ser a história de vida tal como a memória educativa, trabalhada como pesquisa e construção de sentido a partir de fatos temporais pessoais como “o território das escritas do eu” alargando as bordas e exprimindo a vida através de biografia, autobiografia e memória. Para além das definições literárias, psicológicas, históricas ou disciplinares, a história de vida e/ou memória educativa pode ser abordada como prática “autopoiética” do grego autos (soi) poien (produire).

Nesse sentido, portanto, Pineau e Le Grand em seus escritos trazem as práticas da história de vida como fronteiras do existencial e profissional, público e privado, do invisível ao visível. A partir dela, a pesquisa e construção de sentido remetem a fatos temporais. Interessante pensar que buscamos nossa origem, visto a história de vida de comunidades primitivas, memória coletiva que repercute em uma realidade social.

A abordagem das histórias de vida não é abordagem de um projeto, estratégia de conhecimento, programa de pesquisa, problemático. Além disso, pode ser ligada a outras formas de pensar / pesquisa (PINEAU, LE GRAND,1996).

No livro O mestre ignorante. Cinco lições sobre a emancipação intelectual de Jacques Rancière, é abordado a mediação social diferenciada pelos conflitos e a criação de laços. A história da pedagogia decerto conhece suas extravagâncias. E, estas, por tanto quanto se devem à própria estranheza da relação pedagógica, foram frequentemente mais instrutivas do que as proposições mais racionais. No entanto, no caso de Joseph Jacotot, personagem principal do livro, o que está em jogo é bem mais do que apenas um artigo, entre tantos, no grande museu de curiosidades pedagógicas. Pois trata-se, aqui, de uma voz solitária que, em um momento vital da constituição dos ideais, das práticas e das instituições que ainda governam nosso presente, ergueu-se como uma dissonância inaudita, como uma dessas dissonâncias a partir das quais não se pode mais construir qualquer harmonia da instituição pedagógica e que, portanto, é preciso esquecer, para poder continuar a edificar escolas, programas e pedagogias, mas, também, como uma dessas dissonâncias que, em certos momentos, talvez seja preciso escutar ainda, para que o ato de ensinar jamais perca inteiramente a consciência dos paradoxos que lhe fornecem sentido. A igualdade é fundamental e ausente, ela é atual e intempestiva, sempre dependendo da iniciativa de indivíduos e grupos que, contra o curso natural das coisas, assumem o risco de verifica-la, de inventar as formas, individuais ou coletivas, de sua verificação. Sendo uma lição acima de tudo atual.

A educação é o que norteia a formação do professor repercutindo sem dúvida na prática pedagógica. Ferreira (2009) enuncia que a conceituação de educação relacionada ao contexto social vem de várias concepções. Porém há, entre quase todos os autores, concordância entre dois aspectos. O primeiro, que a educação sempre expressa uma doutrina pedagógica a qual, implícita ou explicitamente, se baseia em uma filosofia de vida, concepção de homem e sociedade. O segundo, em uma realidade social concreta, o processo educacional se dá através de instituições específicas como família, igreja, escola, comunidade, que se tornam porta-vozes de determinada doutrina pedagógica.

Na perspectiva da psicanálise, todavia, o sujeito é pensado como constitutivamente social, não sendo então possível pensá-lo nem à margem da sociedade, nem à margem da natureza. Em outras palavras, se para o paradigma moderno o sujeito precede a sociedade, na concepção da teoria psicanalítica os processos de subjetivação e de socialização são indissociáveis (PLASTINO, 2001).

Não se pode negar a dimensão subjetiva do homem, esta que se faz presente, ou se atualiza nas atitudes humanas. A subjetividade, portanto, retira o homem da perspectiva biologizante que desconsidera o inconsciente como importante componente que, no entanto, só se torna presente por meio da dimensão simbólica, da palavra, esse dom e campo privilegiado (LACAN, 1958).

Freud em seu livro, O mal-estar da civilização, traz que uma das técnicas para afastar o sofrimento recorre aos deslocamentos da libido que nosso aparelho psíquico permite, através dos quais sua função ganha muito em flexibilidade. A tarefa consiste em deslocar de tal forma as metas dos instintos, que eles não podem ser atingidos pela frustação a partir do mundo externo. A sublimação dos instintos empresta aqui sua ajuda (1856-1939/2011).

Em complementaridade, podemos perceber que, na escola, o professor pode, então, além de exercer o seu ofício, fazer descobertas de si mesmo relativas aos seus desejos, fragilidades, potencialidades. Na perspectiva da psicodinâmica do trabalho, as relações entre o sofrimento e a realidade sustentam o desenvolvimento da subjetividade; enquanto que, para o viés da psicanálise, esse processo se dá a partir das pulsões e seus destinos (DEJOURS, 2004).

Lajonquière (1999) afirma a necessidade de conhecer o passado para que não se morra subjetivamente. É fundamental que se tenha uma história para poder sustentar-se, construindo uma verdade histórica de maneira que seja possível a recriação da relação com o vivido. Diante disso, percebe-se a memória como constituinte da subjetividade do ser humano, quando, a partir da reflexão, se torna possível a ressignificação do sujeito como participante ativo e criador da própria história

Nesse processo de ressignificação do ser professor, a memória, histórias de vida, vivências corroboram com a afirmação de Freud onde o estranho é, antes de tudo, algo que se tornou estranho por ter sido antes familiar.

**Procedimentos Metodológicos**

A pesquisa será desenvolvida pela perspectiva epistemológica qualitativa, a partir da concepção de que a metodologia é o caminho do pensamento e a prática exercida na forma de abordar a realidade (Minayo, 2003). A pesquisa qualitativa é amparada pelo paradigma qualitativo, que pode também ser chamado de interpretativo, contextual ou naturalístico. Essa vertente argumenta sobre a importância de compreender o significado da experiência, das ações e dos eventos por meio da interpretação e do olhar de pesquisadores, participantes e culturas e também que é importante ter sensibilidade para a complexidade do comportamento e do significado no contexto em que realmente ocorrem (HENWOOD,1996).

Creswell (2010) afirma que a pesquisa qualitativa é um meio de explorar e de entender o significado que os indivíduos ou grupo atribuem a um problema social ou humano. O processo de pesquisa envolve questões e procedimentos emergentes: coletar dados no ambiente dos participantes; analisar os dados indutivamente, indo dos temas particulares para os gerais; e fazer interpretações do significado dos dados.

A psicanálise representa importante aporte desses saberes sobre o homem, constituindo-se, assim, em instrumento teórico que não é possível ignorar no processo de transformação paradigmática. Com efeito, ao afirmar a existência da realidade psíquica e seu caráter genuinamente inconsciente, Freud subverteu as concepções centrais elaboradas pelo paradigma da modernidade sobre o homem, o conhecimento e o ser. Assim, não é só uma nova concepção antropológica que emerge do saber produzido pela psicanálise, mas também uma nova perspectiva ontológica e epistemológica (PLASTINO, 2001).

A pesquisa, de referência ao trabalho docente e a relação frente aos desafios da prática educativa de meninos e meninas de rua em busca da subjetividade, concomitante aos laços sociais, de ordem qualitativa, tendo como aporte as contribuições da psicanálise, relacionando com a educação, os quais contribuem para esclarecer aspectos que envolvem o cotidiano escolar.

Os sujeitos da pesquisa serão estudantes da rede pública da Escola Meninos e Meninas do Parque- EMMP, situada no Parque Recreativo Dona Sarah Kubitschek – Estacionamento: 06, Brasília. DF em consonância com os professores e equipe diretiva da escola. A Escola EMMP atende estudantes em situação de vulnerabilidade, com histórias de vida nas ruas; oriundos do Sistema Penitenciário, das Unidades de Internação, das Unidades de Acolhimento e das Comunidades Terapêuticas, estudantes que em sua maioria não têm o apoio da família, sendo a escola o ponto de referência para fortalecimento de vínculos na possibilidade de convivência familiar e comunitária.

De acordo com André e Gatti (2010), a pesquisa qualitativa na área da educação tem sido desenvolvida nas seguintes bases: em correntes fenomenológicas; na perspectiva histórica das vertentes dos estudos autobiográficos, das histórias de vida e da história oral; nos referenciais originados na sociologia e no campo dos estudos culturais; em estudos apoiados em autores pós-modernos; e nos estudos etnográficos sobre o cotidiano da escola. Destacam-se como os mais significativos atualmente, em termos de produtividade, os estudos centrados na perspectiva do sujeito e na linha sócio-histórica, os fundamentados na teoria das representações sociais e nas investigações sobre a constituição da identidade do sujeito, fundamentados na psicologia social, na sociologia das profissões e na psicanálise.

De acordo com Blanchard-Laville (2005, p.18), a psicanálise não é senão um ponto de vista, mas aquele que ela escolhe por lhe parecer o mais fecundo e o mais acertado; afirma ainda que o que descobre nos outros é também sua própria realidade, bem como a de todos nós. Não são “casos” que são estudados, são momentos de vida, sempre em situação pedagógica, mas singularmente pessoais.

Atendendo a essa tendência e buscando os objetivos da pesquisa serão utilizados dispositivos norteadores como: observação (diário de campo), memória educativa, entrevistas semiestruturadas, rodas de conversa e sociopsicodrama.

Por fim, as reflexões a partir desta pesquisa poderão suscitar novos estudos, diferentes percepções e outros caminhos vislumbrando a subjetividade.

**Referências**

ALMEIDA, I. M. M. Z. P. D.; BAREICHA, P. S. D. A. Da escrita à inscrição: o lugar do infantil na constituição subjetiva do professor. Congres International Psychanalyse. Et Education, Paris, 2015.

ANDRÉ, J. Vocabulário básico da psicanálise. Martins Fontes, São Paulo, 2015.

ANDRÉ, M.; GATTI, B. A relevância dos métodos de pesquisa qualitatica em educação no Brasil. In: WELLER, W.; PFAFF, N. Metodologia da pesquisa qualitativa na educação: teoria e prática. Petropolis: Vozes, 2010.

ARENDT, H. A Condição Humana. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2007.

BLANCHARD-LAVILLE, C. Os professores entre o prazer e o sofrimento. São Paulo: Loyola, 2005.

CRESWELL, J. W. Projeto de pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DEJOURS, C. Subjetividade, Trabalho e Ação. Revista Produção, São Paulo, p. 27-34, setembro-dezembro 2004.

DIRETRIZES PEDAGÓGICAS, Secretaria de Educação do Distrito Federal, 2008 a 2012.

DOLTO, F. A Imagem inconsciente do corpo, Perspectiva, São Paulo, 2015.

ENRIQUEZ, Eugène. Da horda ao estado- Psicanálise do vínculo social. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

ENRIQUEZ, Eugène. A organização em análise. Paris,1992.

FERREIRA, A. B. D. H. Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, N. S. C. Supervisão Educacional uma reflexão crítica. Petrópolis: Vozes, 2009.

FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2011.

FREUD, S. [. Carta 52. In: Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. I, 1974. 285 p.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: \_\_\_\_\_\_ Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S Freud. Rio de Janeiro: Imago, v. I, [1895]1990.

GUIMARÃES, B. F. Escrita e autoria: sobre o sujeito que escreve. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.

HENWOOD, K. L. Qualitative inquiry: perspectives, methods and psychology. Grounded theory in psychological research. In: RICHARDSON, J.T.E. Handbook of qualitative research methods for psychology and the social sciences. Leicester, UK: BPS Books, 1996. 25-42 p.

LACAN, J. O seminário, livro 5: As formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, [1958]1999.

LAJONQUIÈRE, L. D. Infância e ilusão (Psico) Pedagógica. Escritos de psicanálise e educação. Petrópolis: Vozes, 1999.

LAJONQUIÈRE, L. D. Figuras do Infantil: a Psicanálise na vida cotidiana com as crianças. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARX, K. Manuscritos Econômico-Filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2008.

MARX, K. O Capital. Paris: Garnier- Flammarion, 1867/1969.

MINAYO, M. C. D. S. Ciência, técnica e arte o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. D. S. Pesquisa Social teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-29.

MOTA, Carlos. In: Projeto Político-Pedagógico, 2011.

NÁSIO, J.D. Édipo. O complexo do qual nenhuma criança escapa. Zahar, Rio de janeiro, 2007

PINEAU, G.; GRAND, J. Les Histories de Vie. II. ed. Paris: Universtaies de France, 1996.

PLASTINO, C. A. O primado da afetividade. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

PPP da Escola Meninos e Meninas do Parque disponível em: http://sumtec.se.df.gov.br/sistemas/ppp/wp-content/uploads/2014/10/EMMP-PPP-Final.PDF.pdf, data da consulta em 2017.

TANIS, B. Memória e temporalidade. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.